

Edyta Królik

Algumas considerações acerca do emprego do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto

Os empregos dos pretéritos simples e composto na língua portuguesa possuem os valores temporais e aspectuais muito originais comparando com outras línguas da origem latina. O português é o único que mantém nítida a diferença de emprego e de significação entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto. É esta diferença que nos interessa particularmente. O nosso objectivo é de apresentar algumas considerações acerca destes dois tempos, cujos empregos, conforme as nossas observações durante as aulas de português, constituem um problema para os estudantes polacos, que têm dificuldades em usá-los correctamente, sobretudo se se trata do pretérito perfeito composto.

Vamos apresentar as características destes dois tempos, começando pelas informações gerais, e comparar os seus valores temporais, modais e aspectuais.

A forma simples indica uma acção que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente. Denota uma acção completamente concluída e que se afasta completamente do presente. É um tempo que nos permite fazer uma localização precisa e datada (com indicação da fronteira inicial e da fronteira final) no passado.¹ Ilustremos o que acabámos de dizer com um exemplo:

1. Mais tarde alguns lembraram que tudo começou naquele domingo seco em que a terra tremeu.²

¹ A. T. Alves (1993: 3).

² H. Correia, *Montedemo*, p. 7.

Como vemos, nesta frase as expressões *mais tarde* e *naquele domingo* marcam as fronteiras do passado, limitam um acontecimento do passado, um acontecimento que já teve lugar e é considerado do presente do falante.

O pretérito perfeito simples pode sintetizar uma acção cuja realização exige mais ou menos tempo. Às vezes apresenta uma sequenciação dos acontecimentos, quer dizer, uma sucessão de acontecimentos linguísticos localizados uns em relação aos outros na linha de tempo, como nos demonstra o exemplo seguinte:

2. *Perseguiu-se, gemeu e esperou um instante para ter a certeza de não levar nos olhos nenhum brilho suspeito. Mas a sobrinha, mal entrou em casa, dirigiu-se para o quarto sem lhe dar atenção.*³

Na combinação temporal introduzida por *quando* mais a frase principal, é possível falar da simultaneidade:

3. *Quando tocou a mão da velha com os lábios, teve de dominar-se para não a morder.*⁴

Naturalmente, nem todas as frases introduzidas por *quando* possuem este valor temporal. Os verbos podem situar-se numa sucessão dos acontecimentos uns anteriores aos outros:

4. *Quando morreu, a Basílica da Estrela encheu até muito depois da porta e o cemitério dos Prazeres ficou amilhado de pessoas.*⁵

Ao: comparar o pretérito perfeito simples com o pretérito perfeito composto, nota-se que estas duas formas se caracterizam pelos valores temporais e aspectuais totalmente diferentes. Esta diferença não consiste na oposição entre o passado remoto e o passado próximo, o que é característico para as línguas como alemão, inglês ou espanhol. O valor que possui o pretérito perfeito composto não encontra

³ H. Correia, *Montedemo*, p. 21.

⁴ H. Correia, *O Número dos Vivos*, p. 14.

⁵ M. Rebelo Pinto, *Não há coincidências*, p. 129.

„equivalência directa aos tempos gramaticais simples ou compostos do francês, nem da maior parte das outras línguas.”⁶ Alguns investigadores até acham que o pretérito perfeito composto pode ser considerado o tempo presente, (cf. M. H. Costa Campos, H. de Carvalho). O pretérito perfeito composto configura um estado desde o seu início indefinido até ao limite final anterior ao momento da enunciação, incluindo alguma duração indefinida. Localiza o processo num período de tempo que se estende do passado até ao presente, incluindo o momento da enunciação, dá-nos a impressão da proximidade da acção.

Ilustremos este emprego com uma frase:

5. *Tenho andado a pensar na minha vida, na nossa vida e acho que vamos ter de tomar uma decisão.*⁷

Muitas vezes o emprego destes dois tempos é determinado pela presença dos advérbias ou das expressões temporais. A título de exemplo, vejamos expressões tipo *há dez dias* ou *na semana passada*. Estas expressões nunca acompanham o pretérito perfeito composto, mas podem perfeitamente aparecer junto às formas no pretérito perfeito simples. Vejamos as frases:

6. *Estive doente na semana passada.*

7. * *Tenho estado doente na semana passada.*

8. *Ontem os meus tios vieram do Cabo Verde.*

9. * *Ontem os meus tios têm vindo do Cabo Verde.*

Ao analisar estes exemplos, reparamos que o pretérito perfeito composto, não pode coocorrer com advérbias cujo sentido configure uma definição explícita de fechamento.⁸

No entanto, existem expressões que podem acompanhar os dois tempos. É preciso então explicar qual é a diferença entre os valores

⁶ M.H. Costa Campos, M. F. Xavier (1991: 331-332).

⁷ M. Rebelo Pinto, *Não há coincidências*, p. 37.

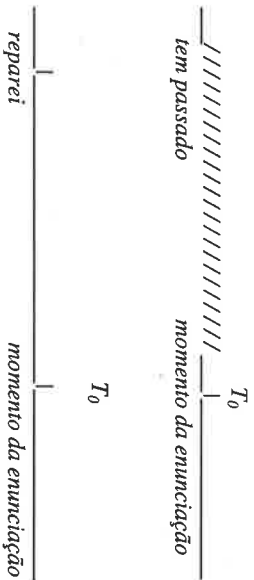
⁸ A. T. Alves (1993: 6).

destas formas. Vejamos as frases nas quais foi empregue a palavra *hoje*:

10. *A manã tem passado pior hoje.*⁹

11. *Só hoje reparêi nisso, tem dois buracos da traça e uma pena ridícula do lado direito.*¹⁰

As diferenças entre as duas formas são de carácter aspectual, além do temporal. Os esquemas que apresentamos a seguir ajudam a explicar este fenómeno.



O pretérito perfeito composto exprime, como vemos, a repetição de um acto ou a sua continuidade até ao presente em que se fala. Como disse M. H. Costa Campos, é um tempo que „marca a construção de um valor de iteratividade, isto é, de uma classe de ocorrências de um mesmo acontecimento linguístico que se repete um número indefinido de vezes.” O momento da enunciação é um dos instantes da sequência de instantes associada ao acontecimento linguístico. Quanto aos valores aspectuais, que o diferenciam do pretérito perfeito simples, marca o valor de imperfectividade.

Se se trata dos valores aspectuais do pretérito perfeito simples, este tempo pode exprimir o valor aspectual perfeito e imperfectivo com valor de perfeito. Citando uma das mais recentes gramáticas da autoria de M. Vilela (1995), „o valor aspectual do perfeito é de ausência de marca: o evento ocupa uma determinada posição na linha do tempo e é

visto como algo global, como um ponto fechado, do qual não interessa referir a constituição interna: não importa se durou muito ou se durou pouco. Fala-se da sua realização e não da sua distribuição pelo tempo: não há parcialização do e no tempo.”¹¹ O pretérito perfeito simples marca a construção de um acontecimento linguístico perspectivado como uma totalidade, não segmentável, a partir de um ponto delimitado da enunciação que lhe é exterior. Essa perspetivação corresponde a um valor aspectual perfeito, que pode ter uma interpretação complexa, daí a sua particularidade do funcionamento, único no conjunto das línguas românicas. Não esqueçamos que é também o caso do pretérito perfeito composto, que constitui com o pretérito perfeito simples o subsistema muito importante e original comparando com as outras línguas.

M. de Paiva Boléo compara os tempos pretéritos simples e composto apresentando duas frases, respostas à pergunta *que tem feito?* A resposta *tenho estado doente* designa o passado, mas um passado próximo da actualidade, que se estende ao presente. A segunda possibilidade de resposta *estive doente* indica o estado passado e distante do presente. Segundo Paiva Boléo, pode-se considerar a acção *estive doente* uma acção-ponto, e a expressa no PPC uma acção-linha.¹² Para este investigador, o pretérito perfeito composto era especialmente rico e expressivo, graças à sua capacidade de criar um sentido durativo sem ajuda de expressões acessórias.¹³

M. H. Costa Campos (1991) sublinha o valor de iteratividade do pretérito perfeito simples. Segundo a investigadora, este tempo „marca a construção, não de um acontecimento único, mas de uma classe de ocorrências de um mesmo acontecimento que se repete um número

¹¹ M. Vilela (1995: 131).

¹² M. Paiva Boléo (1936: 128).

¹³ A propósito de sintagma *tenho estado doente* H. de Carvalho repara que „C'est-à-dire que „Tenho estado doente” signifie objectivement que je suis tombé malade à un moment indéterminé du passé et que l'état de maladie ou bien cessa également dans le passé, mais à un moment proche de l'instance du discours ou bien dure jusqu'à celle-ci, pouvant éventuellement se prolonger après.” (H. de Carvalho, 1981: 234).

⁹ H. Correia, *O Número dos Vivos*, p. 59.

¹⁰ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 8.

indefinido de vezes. Então, uma classe não finita de eventos não é compatível com um objecto singular, mas com uma classe não finita de objectos ou com um objecto não contável.”¹⁴

O pretérito perfeito composto, descreve o processo verbal como não acabado. Vejamos o exemplo:

12. *Tenho pensado muito em si.*¹⁵

O momento da enunciação constitui um dos pontos associados a um acontecimento linguístico descrito, assim, o pretérito perfeito composto oferece-nos a perspectiva do processo do seu interior. O valor imperfeito deste tempo pode ser durativo ou iterativo, mas isso depende da classe do verbo.

Além dos valores temporais e aspectuais, os pretéritos perfeitos simples e composto podem assumir as funções mais específicas. Citemos então as palavras de Paiva Boléo, que nos apresenta a frase seguinte:

13. *Com mais outra obra (que escrevas), transpasesse as portas da imortalidade.*

Esta frase deixa-nos bem claramente ver que se trata de uma acção futura em relação ao presente da pessoa que fala e a anterioridade em relação a um presente imaginário (ou o que no futuro será um presente).¹⁶ Existem também casos em que o emprego do futuro composto seria mais adequado, como p. ex.:

14. *Quando chegares, já ela saiu.*

Este emprego possui o carácter modal, chamado por A. de Castilho “de ironia” ou, segundo F. Oliveira, explica a atitude do falante perante o assunto que está a decorrer.

Segundo H. Sten, os detalhes do emprego do pretérito perfeito simples podem ser divididos em três grupos. No primeiro, o autor

distingue os verbos mais interessantes no emprego deste tempo tais como *acabar, acontecer, amar, chegar, começar, conhecer, dar, dizer, encontrar, escrever, estar, faltar, fazer, fundar, ler, merecer, morrer, mudar, ouvir, passar, poder, preceder, querer, repetir, saber, ser, sofrer, tardar, ter, vir, viver*. No segundo grupo, reúne as combinações com palavras e expressões especiais (*agora, ainda (não), ainda assim, após que, assim que, até, depois, depressa, desde, desde há, desde já, durante, então, entretanto, há, já, jamais, logo, mal, muito, nunca, ontem, só, (muitas, tantas, quantas, raras) vezes, mais de uma vez*).

Se se trata do pretérito perfeito composto, o que é característico para este tempo, é a presença de alguns verbos muito relacionados com ele. Os verbos mais frequentes empregues no pretérito perfeito composto são: *andar, chegar, dizer, estar, falar, fazer, passar, portar-se, ser, sofrer*, acompanhadas pelas expressões tais como *até, já, sempre, ultimamente, algumas / muitas vezes*.

No caso do emprego do pretérito perfeito composto também existem algumas particularidades. Deveríamos mencionar que no português antigo e clássico o particípio passado concordava em número e género com o objecto directo que o seguia, de que sobreviverem ainda alguns casos na língua contemporânea.¹⁷ Portanto, em M. de Paiva Boléo (1936) e em M. H. Costa Campos (1987) encontramos que as construções deste tipo não são verdadeiros perfeitos compostos. Paiva Boléo chama estas formas “falsos perfeitos compostos” ou “perfeitos compostos impropriamente ditos”, enquanto Costa Campos propõe a designação de “perífrases perfectivas ou resultativas.”

Vejamos, a título de exemplo, estas frases abaixo:

¹⁷ Parece-nos que deveríamos explicar aqui a designação “tempo composto”. Na gramática tradicional, os tempos compostos eram caracterizados como as formas verbais construídas do verbo *ter* (auxiliar) e do particípio passado do verbal principal ou pleno. Como diz M. Vilela (1995), o verbo pleno é o que pode funcionar gramaticalmente como predicado da frase sem qualquer suporte, o verbo auxiliar é o que precisa do verbo pleno para funcionar como predicado.

¹⁴ M. H. Costa Campos, M. F. Xavier (1991: 332).

¹⁵ H. Correia, *O Número dos Vivos*, p. 90.

¹⁶ H. Sten (1973: 71).

15. *Não tenho nada combinado, não conheço ninguém no Porto.*
 16. *Agradeço imenso o convite, mas já tenho coisas combinadas.*
 17. *Não há nada que me apeteça mais, mas já tenho coisas combinadas.*¹⁸

Como explicam A. de Castilho (1966) e O. Lopes (1971), a significação de pretérito perfeito está de acordo com a designação de posse em relação a algo já realizado que este tempo possua no português arcaico e no português clássico. Em português arcaico é também possível descobrir os empregos com valor temporal equivalente ao do pretérito perfeito simples, que hoje em dia não podem aparecer na língua. Existe portanto na língua portuguesa um vestígio desse emprego arcaico: é a fórmula *Tenho dito*, que podemos encontrar às vezes no fim de um discurso, para marcar o seu fim.¹⁹

Paiva Boléo meciona também mais uma variante do emprego do pretérito perfeito composto: o valor progressivo.

18. *Como nós temos envelhecido?*²⁰

Nesta frase, este carácter progressivo resulta do carácter do verbo, que significa *tornar-se velho, fazer-se velho, chegar a velho*. Este verbo inclui a ideia de „progressivamente“, „gradualmente“, então podemos concluir que o sentido lexical é também responsável pela progressividade da acção.

Nós encontramos um exemplo muito parecido ao de Paiva Boléo:

19. *O que tem engordado, esse teu Deus, com a miséria que distribui pelos seus pobres personagens – é vê-los em Fátima, de rastos, apagarem a esmola das raríssimas graças com que Sua Excelência os vai brindando.*²¹

O verbo *engordar* significa *tornar-se mais gordo* e, como no exemplo precedente inclui a ideia de progressividade, de um processo que demora algum tempo.

¹⁸ Os exemplos retirados do livro de M. Rebelo Pinto.

¹⁹ F. I. Fonseca (1977: 18). Também em J. Barbosa (1989: 227) e M. de Paiva Boléo (1936: 153): „o *tenho dito* com que alguns oradores gostam de terminar os seus discursos, tem sobretudo um valor estilístico.“ Podemos dizer que esta expressão equivale a *disse*.

²⁰ M. de Paiva Boléo (1936: 130-131).

²¹ I. Pedrosa, *Fazes-me Falta*, p.44.

Na obra do M. de Paiva Boléo aparece outro emprego, muito curioso, que foi chamado pelo investigador „quase-pretérito“:

20. *Fazemos saber que [...] temos resolvido dar a benção papal no dia...*²²

Para concluir, podemos afirmar que as diferenças entre o emprego do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto são de carácter temporal e aspectual.

Bibliografia

- Alves, A. T., (1993): „Levantamento de Análise da Bibliografia sobre o Tempo na Língua Portuguesa“, *Cadernos de Semântica*, 13, Lisboa, FLUL.
- Barbosa, J. M., (1989): „Contribuição para o Estudo do Sistema Verbal Português: ‘Tempos Simples’ e ‘Tempos Compostos’“, *Biblos*, vol. LXV, Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 221-228.
- Boléo, M. de Paiva, (1936): *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Campos, M. H. Costa, Xavier, M. F., (1991): *Sintaxe e semântica do português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Carvalho, J. G. Herculano de, (1983): „Temps et aspect. Problèmes généraux et leur incidense en portugais, français et russe“, *Archivos do Centro Cultural Português*, vol. XIX, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 225-252.
- Sten, H., (1973): *L'emploi des temps en portugais moderne*, Copenhagen, Historiskfilosofiske Meddelelser.

²² M. de Paiva Boléo (*op. cit.*: 154). Não podemos, no entanto, esquecer-nos que se trata de um emprego arcaico.